

“Desigualdades desafiam o poder dos valores democráticos”

Em conferência proferida na Reunião Magna da ABC, no dia 8 de maio, o sociólogo e professor da London School of Economics, no Reino Unido, Michael Savage, defendeu que um nacionalismo sustentável, com contratos sociais robustos, é a melhor maneira de enfrentar a desigualdade em nossas sociedades.

Os desafios das desigualdades globais foram o tema da segunda Conferência Magna da ABC, no dia 8 de maio, proferida pelo sociólogo e professor da London School of Economics (LSE), no Reino Unido, Michael Savage. Há décadas analisando estratificações sociais e desigualdades, o pesquisador afirmou no evento realizado no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, que o crescimento econômico, por si, não soluciona o problema da desigualdade, mas, sim, contratos sociais consistentes, a exemplo do que vêm fazendo os países escandinavos e o Japão.

“É crucial pensar a desigualdade de um modo novo. Não apenas como um problema a ser consertado, mas pensar nossa sociedade e nossa economia: o que significa a desigualdade global para o futuro?”, questiona o professor.

Segundo ele, a desigualdade é de fato um problema central da nossa era – e não apenas por razões econômicas. “Elas desafiam o poder dos valores democráticos”, alerta.

Um ponto a ser observado, segundo ele, é que as nações mais desiguais apresentam maiores problemas sociais, ou seja, a economia não puxa consigo a igualdade. “Nações que são afluentes, mas desiguais, têm muito mais problemas sociais”, diz.

Para o professor da LSE, as desigualdades não são apenas um problema de economia, elas respingam em várias áreas da sociedade, afetando segurança pública, saúde, educação, mobilidade, etc.. “Elas são intensificadas pelos mais ricos, e os mais pobres não têm voz.”

Os Estados Unidos, onde a desigualdade de renda tem crescido muito nos últimos 40 anos, é um exemplo, aponta Savage: os mais ricos - 1% - estão cada vez mais ricos, enquanto que os 50% mais pobres estão cada vez mais pobres. “O caso dos EUA, com problemas espalhados por toda a sociedade, demonstra que o crescimento econômico não é a resposta para a desigualdade. Nós precisamos ir além do pensamento sobre o crescimento econômico”, defende.

O primeiro ponto a se levar em conta, ressalta Savage, é que os EUA não representam o mundo todo. “As tendências não são inevitáveis. Mas as nações têm escolhas, se quiserem”, afirma. As nações europeias, por exemplo, têm histórias diferentes. Ele cita o exemplo do parlamento escandinavo, que tem evitado essa tendência por meio de contratos sociais consistentes, de proteção dos direitos dos cidadãos.

Outro ponto a ser considerado é a necessidade de expandir os estudos para compreender as dinâmicas que geram desigualdades. Savage mostrou dois recortes globais atuais, um otimista e outro mais pessimista. A análise mais pessimista vê o aumento daqueles 1% como um fenômeno global. Já os mais otimistas analisam que o crescimento econômico em economias emergentes está levando ao declínio da desigualdade global. “Nessa perspectiva, os que mais

se beneficiam, no entanto, são as classes médias das economias emergentes, particularmente da China e da Índia. Mas os mais pobres são os que mais perdem, especialmente na África Subsaariana onde as rendas se mantêm as mesmas de duas décadas atrás”, observa.

Savage diz que as avaliações disponíveis sobre esse tema não são acuradas. Os dados de pesquisa sobre desigualdade no mundo são baseados em fatores diversos, alguns avaliam taxaço, outros, riqueza. “Um ponto para prestar atenção é o significado da questão riqueza versus renda. A riqueza permite investimentos, ou seja, ela vai crescendo”.

Quando se analisa as cidades, em termos de desigualdades de riqueza, mesmo países da Europa também começam a mostrar que têm muitos problemas. Frankfurt e Londres são alguns exemplos. Os mais ricos possuem muito dinheiro nos paraísos fiscais, imóveis são uma grande força capital. “É uma riqueza concentrada nas grandes cidades, que pensam muito mais em termos de investimentos e estoque de capital ao invés de bem estar social”, comenta o pesquisador.

“As estratégias dos muito ricos é disfuncional em muitos níveis. As cidades estão servindo para intensificar desigualdades”, afirma. Entre as 20 cidades mais desiguais do mundo, três são brasileiras – Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. O Rio de Janeiro é a sétima colocada.

“Precisamos pensar em nações sustentáveis, em oposição aos impérios. Esta é a melhor maneira de resistir à desigualdade. Pensar coletivamente os valores, e ter contratos sociais mais fortes. Caminhar em direção a um ‘nacionalismo sustentável’, com contratos sociais robustos é a melhor maneira de enfrentar a desigualdade”, conclui.

.....
Daniela Klebis, jornalista da SBPC, colaborou com a ABC na cobertura da Reunião Magna de 2018